

CASA DA  
CULTURA  
TEATRO STEPHENS

*Reabertura . 25 de outubro de 2014*



Finalmente reabre formalmente ao público o Teatro Stephens, agora batizado como Casa da Cultura – Teatro Stephens.

A obra de requalificação do edifício do Teatro Stephens foi uma aposta certa.

Quando algumas pessoas contestavam a justeza do investimento ou reivindicavam a sua supressão nós mantivemos a linha de rumo e estamos certos de ter cuidado dos melhores interesses da nossa população.

A construção de um edifício não é, no entanto, suficiente ou uma garantia de um resultado certo.

A programação da Casa da Cultura – Teatro Stephens é uma aposta central nas opções políticas deste mandato autárquico.

A estreia do espetáculo Palco de Memórias, encenado por Norberto Barroca, é um claro indicador da força que queremos imprimir à Casa da Cultura – Teatro Stephens.

A concretização da programação deste espaço cultural terá também um papel fundamental na requalificação e reanimação do nosso centro tradicional.

A cultura – é sobejamente reconhecido – promove o desenvolvimento económico, mas não só. Uma das metas cruciais na avaliação do desempenho do Executivo a que presido assenta na aferição da qualidade e do impacto da atividade da Casa da Cultura – Teatro Stephens.

É grande e forte o meu empenho pessoal no desenho da programação cultural e na dinamização deste arco central da reanimação do centro da nossa cidade.

Estão criadas todas as condições para que o pleno funcionamento do Núcleo de Arte Contemporânea do Museu do Vidro, no edifício da antiga fábrica da resinagem, a dinamização do magnífico auditório nele existente e da coleção visitável do Museu da Indústria de Moldes, a par com a Galeria Municipal, as Oficinas de Vidro ao Vivo e o próprio Museu do Vidro constituem um polo aglutinador de que depende a afirmação da Marinha Grande como Terra de Cultura.

Fica, assim, cumprida uma promessa do nosso mandato.

Continuaremos a prestar contas publicamente dos nossos compromissos.

Álvaro Manuel Marques Pereira  
Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande

Nestes tempos tão difíceis que vivemos, tempos de crise, tempos de angústia, de dificuldades, de austeridade e de delapidação da nossa dignidade enquanto seres humanos, resta-nos o orgulho dos nossos antecessores e da cultura que nos legaram.

Os marinhenses orgulham-se dos seus valores, do seu passado de lutas e conquistas, forjados e temperados na incandescência e no calor do vidro.

De cidade pequena e humilde, a Marinha Grande transformou-se, de luta em luta, de conquista em conquista, num exemplo nacional, não somente por aquilo que é hoje do ponto de vista económico, mas essencialmente pelo seu legado extraordinário de resistência, de liberdade e de democracia.

É neste emaranhado de grandes incertezas, em que tantos não se conseguem rever numa sociedade exclusiva e elitista, que hoje damos vivas, vivas e mais vivas à cultura e à liberdade.

Estamos em festa. Hoje estamos na festa da nossa cultura. Hoje festejamos a reabertura da Casa da Cultura - Teatro Stephens. Hoje devolvemos aos marinhenses um símbolo inquebrantável do seu património histórico e cultural.

Neste novo contexto, estamos certos que a Casa da Cultura - Teatro Stephens irá cumprir a sua missão de acolher as mais diversas manifestações culturais, de acolher os artistas marinhenses, bem como todos aqueles que nos honrarem com a sua presença.

Todos serão bem vindos. Com todos partilharemos a nossa vivência e as nossas emoções. Este será um espaço de trocas. Será um espaço de partilhas. Aprenderemos e ensinaremos.

Enquanto vereador da cultura da Câmara Municipal da Marinha Grande, é um privilégio e uma honra de sensações indescritíveis estar associado à reabertura deste centro de cultura. Não existem palavras para descrever o orgulho e a responsabilidade que a todos nos assiste de preservar neste espaço a mais bonita das palavras - cultura.

Marinha Grande, 25 de outubro de 2014

Vítor M.F. Pereira

Vereador da Cultura da Câmara Municipal da Marinha Grande

# A PROPOSTA

## A MEMÓRIA

Este processo de requalificação não é a transformação ou reconversão de um qualquer edifício num teatro. É um processo de transmutação do “teatro imaginário” legado dos Stephens: incide sobre um “teatro físico” existente neste lugar desde 1941, mas também sobre o “teatro memória” que ainda sobrevive nas recordações da maioria daqueles que foram o seu público. Esta dialética sustentou as opções que presidiram à proposta e tornaram mais clara a estratégia de preservar os elementos principais que definem a identidade do lugar, a sua relação com a envolvente histórica e as características que mantêm a sala identificável após a requalificação.



Teatro original (c. 1935)

Em primeiro lugar, a preservação das fachadas exteriores, em favor da imagem visual já impressa na memória dos marinhenses; em segundo, o conjunto dos elementos estruturais das escadas do átrio; e finalmente o conjunto, balcão, camarotes e boca de cena, que são os elementos essenciais para refundar a memória da sala original.

## A FUNÇÃO

A abordagem ao programa base assenta no estabelecimento de novas relações funcionais entre espaços e funções - Teatro e Museu - que anteriormente não estabeleciam diálogo. Esta solução desenvolve uma estratégia de afirmação e divulgação do conjunto patrimonial, dirigindo os visitantes para o interior do recinto da antiga fábrica, e aproveitamento das novas dinâmicas urbanas criadas com a Biblioteca e Arquivo municipais e principalmente com o recente Parque Urbano da Cerca.

O acesso principal a ambos os equipamentos passa a fazer-se pela receção do Museu do Vidro, que agregará as funções de acolhimento dos distintos públicos. Neste espaço inicia e termina o percurso expositivo já estabelecido nos três pisos do palácio, proporcionando aos visitantes um espaço de fruição e também de divulgação, agregando informação sobre a oferta cultural e turística do concelho.



Este elemento distribuidor funde-se, por ausência de barreiras separadoras nos vãos existentes, com a área imediatamente a nascente que terá a função de *foyer*. Recorde-se que uma das

deficiências programáticas do teatro é a ausência de um espaço adjacente com dimensões proporcionais à sua lotação. Este espaço destina-se a ocupações complementares ao programa cultural do teatro e museu, podendo servir para receções, exposições ou apresentações.

Na continuidade do *foyer*, para norte, transforma-se o anterior edifício administrativo numa generosa cafeteria de apoio ao teatro e museu. A sua localização e desenho arquitetónico, permite que se considere uma exploração de forma integrada ou de forma autónoma. Como possui acesso pela Praça Guilherme Stephens e pelo jardim central, o seu funcionamento pode estender-se para além do normal expediente dos equipamentos culturais. Uma das premissas do programa base considera, para esta componente, a possibilidade da sua exploração ser feita por entidade concessionária externa ao município.

Entre a cafeteria e o *foyer* organiza-se um conjunto de sanitários de apoio aos três espaços principais, composto por instalações coletivas separadas por sexos e uma especialmente destinada a utentes com mobilidade condicionada.

Da receção e do *foyer*, rasgam-se dois vãos para acesso ao átrio do teatro, transpondo-se definitivamente a barreira até agora existente entre o teatro e o restante património da antiga fábrica. A organização espacial do teatro é preservada, com o átrio e escadas de acesso ao balcão do piso 1, e a sala na sua configuração e geometria original, dividida por plateia, balcão e dois conjuntos de camarotes laterais. A boca de cena preservada delimita o espaço levemente ampliado do palco e a maior transformação, a sul, corresponde ao

conjunto de novas funções que o teatro existente é grandemente deficitário: uma zona de apoio direto ao palco, com acesso para cargas e descargas e nos pisos superiores novos camarins equipados e um espaço de trabalho polivalente, sobre o qual assenta uma nova componente técnica, de mecânica de cena e de climatização da sala.

## A FORMA

No conjunto edificado onde se situam a cafetaria, *foyer* e receção não se promoveram alterações volumétricas, tendo-se apenas operado transformações no interior dos edifícios e nos revestimentos e elementos exteriores; apenas na medida do estritamente necessário à requalificação. Esta opção resulta da necessidade de não criar desequilíbrios gratuitos nas volumetrias herdadas da antiga fábrica, mas também para responder aos critérios de intervenção no património, em espaços de restrição de interesse público.

Opção diferente foi tomada na intervenção na caixa de palco, onde um novo volume se sobrepõe à fachada remanescente, separando formal e simbolicamente os distintos tempos da nova proposta. Por razões estritamente técnicas, a nova caixa de palco “cresce” para sul sobre o lago, dotando o espaço cénico de uma coxia do lado direito da cena, inexistente até agora. Sem ampliar a implantação do existente, o volume de piso único dos antigos camarins eleva-se à totalidade da altura da nova caixa de palco. Este volume encerrado é envolvido por um coroamento que abraça e funde a caixa de palco com a cobertura da sala junto à boca de cena, concretizado em material translúcido, que permite de forma mais etérea envolver a imensa

componente técnica da climatização e tratamento de ar. De dia este volume “dissolve-se” pela passagem de luz e sobre o fundo do céu. Durante a noite, através de iluminação artificial no seu interior, converte-se numa caixa de luz, distanciando-se, por antítese, da natureza eminentemente encerrada do clássico espaço performativo.



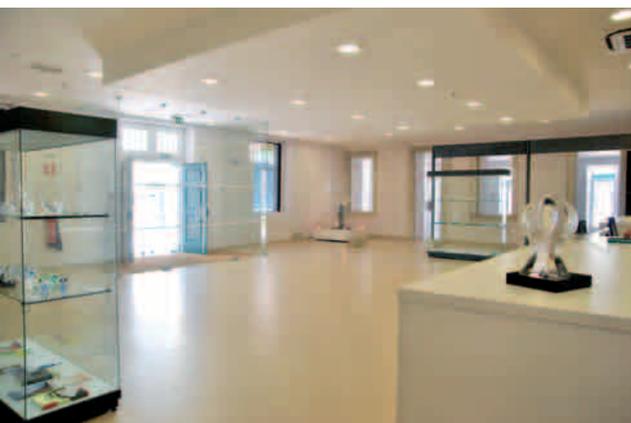
O teatro apresenta um desenho com simetria axial que pretendemos reforçar. Os excedentes dissonantes das casas de banho existentes a tardoz são removidos, e na fachada remanescente é reconstituída a solução de sacadas, aberta para o jardim no piso térreo e com varanda no piso superior. A opção por esta “correção” tardia não nos leva a confundir as opções estéticas actuais com a imagem original, pelo que assumimos a dimensão sem reproduzir a linguagem, resultando assim num desenho depurado, contemporâneo e sem colagens ao existente.

A fachada existente tem uma composição formal marcada pelas pilastras, encimada por um friso e platibanda que afirmam uma grande expressão de horizontalidade. Para reforçar a ligação entre novo e antigo estende-se este friso numa pala, que

atravessa o novo volume e realinha superiormente um novo plano imaginário para a torção efetiva da caixa de palco. Esta pala converte-se em elemento vertical que remove o carácter monolítico ao novo volume e simultaneamente marca a nova entrada de artistas.

## O ESPAÇO

A primeira abordagem espacial incide sobre a mobilidade dos utentes, concebendo uma rampa e aumentando o patamar de acesso à receção que se encontra a uma cota mais elevada de cerca de 60cm em relação ao jardim central. Nesta zona, reorganizou-se o



anterior espaço, removendo o balcão central em alvenaria e pedra, libertando a maior área para os utentes e centrando no novo balcão as funções de acolhimento, informação turística, bilheteira, bengaleiro e loja. O *foyer* foi considerado como espaço complementar sem ocupação permanente e destinado à presença de público nos momentos que antecedem ou sucedem aos eventos. Procedeu-se a uma harmonização dos revestimentos interiores para conferir uma atmosfera de continuidade dos espaços renovados. Aos sanitários acede-se por rampa ligeira, vencendo as diferentes cotas existentes

entre o foyer e a cafetaria. Os sanitários foram dimensionados atendendo à lotação da sala de 262 lugares, quatro dos quais com mobilidade condicionada. Nos extremos da rampa de acesso à cafetaria, dois painéis permitem condicionar o espaço por forma a conceder o uso dos sanitários a cada um deles, sem que dependam do horário dos restantes.

A cafetaria organiza-se em duas áreas distintas, no piso 0 um tipo de serviço mais informal e rápido, compatível com o serviço normal de intervalo de espetáculos ou de visitas de grupo; e no piso superior uma segunda sala, “reservada” a estadias mais prolongadas, podendo fruir das duas vertentes, a praça e o jardim. O pequeno volume, de forma triangular, que ladeia o portão da antiga fábrica foi convertido em copa de apoio à cafetaria.

A mais profunda reconversão opera-se no Teatro, com a abertura de dois vãos de acesso interior: um comunica com a receção e o segundo com o *foyer*, rompendo o espaço sob os patamares intermédios da escadaria. O átrio principal mantém a sua identidade, preservando-se a escada principal com o duplo lanço após o patamar central inicial. Valorizam-se os elementos estruturais, como vigas e pilares existentes, e destaca-se o painel em gesso existente. Aqui também é reservado lugar para a recolocação das placas alusivas à inauguração e homenagem a Joaquim Carvalho e Calazans Duarte.

A sala mantém a sua geometria original, sendo integralmente reformulados os acabamentos interiores em função de padrões de exigência acústica e conforto atuais. O elemento mais visível pelo público, a boca de cena, é integralmente

preservado, preenchido agora com um proscênio ladeado por duas escadas de acesso ao palco. O balcão no piso superior é redesenhado, mantendo, em conjunto com os camarotes laterais, a mesma identidade do balcão anterior.



Outro elemento estruturante que se redesenhou foi o teto da sala que, em prol de um melhor comportamento acústico, foi concebido numa ligeira concha quebrada em três planos. No exíguo átrio do balcão, a demolição do desnecessário bar existente e a unificação do acesso ao

piso da projeção, deu lugar a um segundo *foyer* de balcão mais amplo e funcional. A uma cota superior, sobranceiro ao balcão, localiza-se a nova sala de projeção, um gabinete para tradução simultânea e posto de segurança e de gestão das componentes técnicas do recinto.

A nova caixa de palco é dimensionada a partir das exigências cenográficas do palco e tendo como referência a altura útil da boca. A pouco mais de duas vezes esta altura é colocada uma estrutura de teia, e na face inferior da laje de cobertura, a contra-teia. No piso inferior é ampliado um sub-palco que se prolonga em galeria técnica sob a plateia, permitindo que aí se faça a insuflação de ar climatizado sob os lugares de público. Uma comunicação vertical por escada percorre a totalidade da caixa, permitindo o acesso fácil às duas varanda técnicas no interior do palco e ao desvão da cobertura da sala.

Os novos pisos do volume ampliado vêm colmatar as carências de espaço para as funções complementares à atividade do Teatro. No piso do sub-palco, a ampliação conseguida a sul destina um novo espaço de arrumos, um depósito privativo de água para o sistema de extinção automática de incêndio e a sala destinada ao necessário grupo hidropressor. À cota do palco, uma zona de cargas e descargas de equipamento uma antecâmara e como espaço de compensação ao funcionamento do espaço cénico. Ao lado, uma pequena área reservada à entrada do corpo técnico e de artistas, a partir da qual se desenvolvem as escadas de acesso aos pisos superiores.

Nos pisos acima, com compartimentação que se repete no primeiro e segundo piso, situam-se os camarins de artistas,

distribuídos num camarim coletivo com sanitários e balneário, e um individual com sanitário. No terceiro piso situa-se uma área de trabalho polivalente, que poderá acolher reuniões, ensaios e trabalho de preparação de espetáculos, associada a um pequeno sanitário de serviço.

No quarto piso reserva-se a totalidade da área do palco para a instalação da teia e contra-teia, sendo a restante em pátio, aberto superiormente para a instalação de equipamentos de climatização. A cobertura revelou-se o único espaço disponível para a colocação das volumosas unidades de tratamento de ar da sala e espaços de público, pelo que foi concebida uma platibanda em policarbonato translúcido para se ocultar esta componente técnica.

## A MATÉRIA

Nas fachadas preservadas, a alteração substancial dos materiais ou cores implica uma perturbação da história e da memória do edifício, pelo que não se introduziram matérias estranhas à arquitetura existente. A escolha da cor reafirmou os diversos tons amarelos que se encontraram em sondagens às paredes

nova caixa de palco. Na base, a pedra regionalmente mais prevalente - o calcário — procurando uma nobreza e resistência à zona de contacto com os transeuntes. No volume superior, a imagem da madeira como matéria menos densa, constitui a expressão plástica principal da requalificação. Finalmente na platibanda, mais etéreo, o policarbonato, numa dissolução do volume encerrado com os matizes do céu.

Concluindo em sentido figurativo, a Marinha Grande tem como matéria identitária o vidro, que está amplamente representado no Museu, pelo que evocamos, de uma forma assumida, as duas outras referências: uma da sua história original - o Pinhal - outra dos tempos mais recentes - a indústria de plásticos e dos moldes.

Miguel Figueiredo  
Autor do projeto



exteriores. Percurso diferente adotamos na seleção dos materiais que revestem a



Obra co-financiada pelo QREN, no âmbito do “Mais Centro” e da União Europeia através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

# RESTAURO

## Tela da boca de cena

Trata-se de uma pintura a óleo sobre tela de grandes dimensões, executada por Nery Capucho em 1941, para a boca de cena do Teatro Stephens.

O suporte é constituído por faixas de tela cozidas na vertical e pregadas a duas réguas de madeira, suspensa no topo e rematada na parte inferior com barra metálica.

De uma forma geral, a tela encontrava-se em bom estado de conservação, à exceção dos quatro cantos, cujos inferiores se apresentavam em pior estado.

Apresentava vários “vícios” e ondulações verticais, principalmente junto às margens laterais, bem como pequenos rasgões, lacunas ao nível da pintura e do suporte, e problemas de destacamento da camada pictórica que, de uma forma geral, apresentava uma ligeira alteração cromática devido à oxidação (amarelecimento) dos vernizes e à sujidade acumulada ao longo do tempo.

Os trabalhos realizados consistiram na desmontagem da estrutura original, removendo todos os elementos metálicos em contacto com a tela (oxidados), e na estabilização e proteção, não só da pintura em destacamento, como das zonas dos rasgões.

Após um período de armazenamento durante as obras de construção civil, a tela foi recolocada no palco do teatro. Aí foram iniciados os trabalhos de planificação para resolver os problemas dos “vícios” e ondulações. Foi ainda realizada a fixação da camada pictórica nas zonas em destacamento, a união dos rasgões, a aplicação de enxertos e bandas de tela nova, bem como a limpeza química e mecânica da camada pictórica, para remoção de sujidade e dos vernizes oxidados.

Relativamente à camada pictórica, foram

aplicadas massas de preenchimento (camada de preparação que depois de seca e nivelada recebe a pintura) e realizada a respetiva reintegração cromática a aguarela, finalizando-se os trabalhos com a aplicação de uma ligeira camada de verniz de proteção final.

A tela recebeu ainda um novo sistema de suspensão semelhante ao que já existia, embora reforçado nas margens superior e inferior.

Catarina de Sousa Carvalho  
Conservadora de museus



Tela da boca de cena do Teatro Stephens  
Pintura a óleo sobre tela  
Autor: Nery Capucho  
Data: 1941 (assinada e datada: Capucho 1941)

## Baixo-relevo

O painel encontrava-se coberto de sujidade e de um verniz envelhecido em destacamento, aplicado anteriormente.

Regra geral, a superfície pictórica apresentava-se em bom estado de conservação, à exceção das áreas inferiores do painel, nas quais existiam várias lacunas, particularmente na lateral direita. Essa zona apresentava alguns problemas de pulverulência/ sulfatação do suporte em gesso.

No decorrer dos trabalhos foi possível observar que o painel já havia sido intervencionado anteriormente, no suporte e na camada pictórica. Tanto o friso inferior como a lateral direita do painel, entre outras pequenas áreas, possuíam várias lacunas, que foram anteriormente preenchidas com gesso de menor qualidade do que o do original. No processo de remoção deste material do friso, verificou-se que o gesso original tinha sido picado com o objetivo de criar pontos de ancoragem e de aderência para o novo gesso. Além das marcas que decorrem da picagem, descobriram-se marcas que aparentam ser de uma pequena inscrição, cujo significado não foi, até agora, possível decifrar. Tratando-se de marcas que não decorrem da picagem, foi tomada a opção de deixar aquela área a descoberto, como registo e testemunho histórico, embora tonalizada/escurecida, com realce das marcas da inscrição, para facilitar, por um lado, a integração visual da lacuna no painel, e por outro, a leitura da inscrição.

Após a limpeza, o painel foi alvo de estabilização e consolidação do suporte. Foram ainda reconstruídos os volumes que apresentavam lacunas, nomeadamente, o friso inferior, do lado direito do painel, bem como a mão da segunda figura a contar da direita (a que segura numa

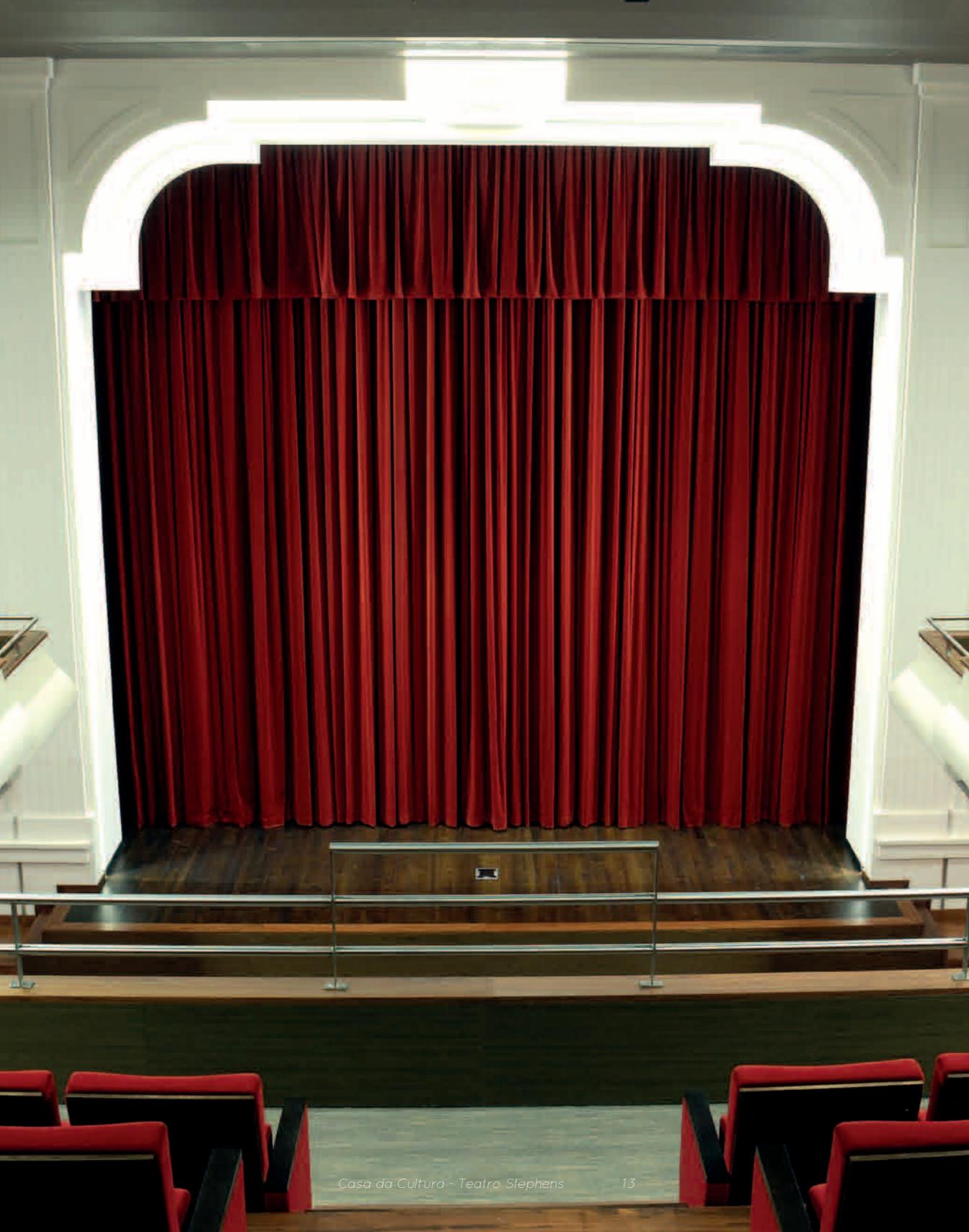
taça) e as vestes da figura mais à direita. Uma vez estabilizado o suporte e preenchidas as lacunas, foi removido o verniz amarelecido e realizada a reintegração cromática. A remoção das camadas de verniz amarelecido permitiu a visualização de pormenores que antes não eram visíveis: pormenores de jogo de luz e sombra numa superfície de excelente qualidade, com acabamento, provavelmente, com cera.

A intervenção efetuada permitiu a estabilização e o reforço estrutural do painel, bem como a devolução da sua leitura formal e pictórica.

Catarina de Sousa Carvalho  
Conservadora de museus



Baixo-relevo do antigo Teatro Stephens  
(fabrico do vidro na antiguidade)  
Autor: Luís Fernandes (1895-1954)  
Data: Segundo quartel do século XX



# PROGRAMA DE REABERTURA



## Reabertura

25  
outubro  
2014



### **25 de outubro . SÁBADO**

21h00 | Discurso oficial e descerramento de placa comemorativa

21h30 | Peça de teatro “Palco de Memórias”

### **26 de outubro . DOMINGO**

15h00 | Visita guiada à Casa da Cultura - Teatro Stephens (limite de 15 pessoas)

16h00 | Visita guiada à exposição “Teatro, percurso por quatro séculos”, patente no foyer da Casa da Cultura - Teatro Stephens

17h00 | Peça de teatro “Palco de Memórias”

### **27 de outubro . SEGUNDA**

15h00 | Visita guiada à Casa da Cultura - Teatro Stephens (limite de 15 pessoas)

16h00 | Visita guiada à exposição “Teatro, percurso por quatro séculos”, patente no foyer da Casa da Cultura - Teatro Stephens

21h30 | Peça de teatro “Palco de Memórias”

### **28 de outubro . TERÇA**

15h00 | Visita guiada à Casa da Cultura -

Teatro Stephens (limite de 15 pessoas)

16h00 | Visita guiada à exposição “Teatro, percurso por quatro séculos”, patente no foyer da Casa da Cultura - Teatro Stephens

21h30 | Peça de teatro “Palco de Memórias”

### **29 de outubro . QUARTA**

15h00 | Visita guiada à Casa da Cultura - Teatro Stephens (limite de 15 pessoas)

16h00 | Visita guiada à exposição “Teatro, percurso por quatro séculos”, patente no foyer da Casa da Cultura - Teatro Stephens

21h30 | Peça de teatro “Palco de Memórias”

### **Peça de teatro “Palco de Memórias”**

*Texto e encenação: Norberto Barroca*

*Colaboração plástica: Mário Dias Garcia*

### **Exposição “Teatro, percurso por quatro séculos”**

*Foyer da Casa da Cultura - Teatro Stephens*

*Patente de 25 de outubro a 31 de janeiro de 2015*



## Teatro

percurso por quatro séculos

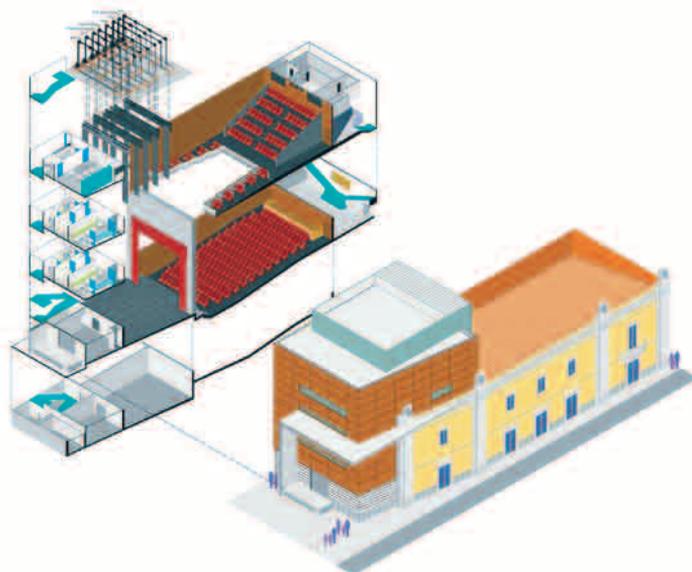
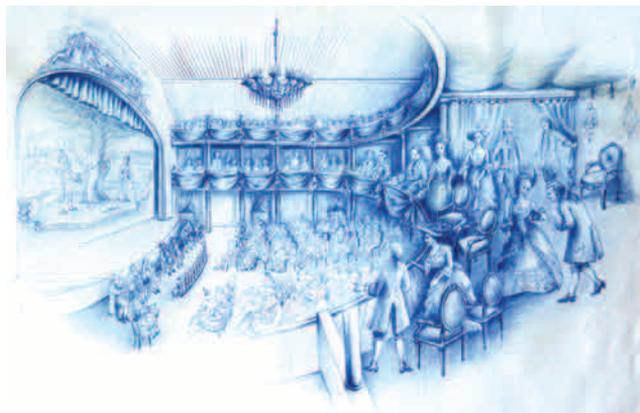
### Exposição no Foyer da Casa da Cultura

Protagonista contínuo e privilegiado no circuito histórico e demográfico desta terra, a qual viu crescer, o velho Teatro da Marinha Grande apresenta-se de novo equipado para corresponder a novas exigências. No seu “percurso por quatro séculos” narra-nos acontecimentos em que participou ativamente ou apenas como testemunha, segundo o seu ponto de vista e enquanto propriedade do Estado.

Possuidor de um espaço simbólico com cerca de 230 anos, o “nosso” Teatro já passou por várias reformas ao longo da sua vida mas continuará sempre como suporte da memória de muitas gerações que o personifica enquanto referência intemporal.

O apito da fábrica já não o cumprimenta mas por cima dos telhados da cidade ainda pairam as chaminés vermelhas, marcas indelévels de um passado árduo, de coragem e suor.

José Freire



# MEMÓRIAS DO PALCO

Nasci junto da Fábrica fundada pelos Irmãos Stephens. Cresci à sombra dos pinheiros e das chaminés das fábricas. Acordei ao som dos apitos a chamarem para mais um dia de trabalho. Um dia multiplicado por anos de vida, onde pulsa o soprar da cana, donde nasce o vidro, feito cristal pelo suor dos nossos vidreiros. Na Fábrica que foi o princípio da nossa vida. Que foi fruto do nosso esforço, que conquistámos com trabalho e herdámos com amor. Crescemos nestes 250 anos. Fabricando o vidro, à boca do forno, a soprar... chegámos longel...

Com a Fábrica veio o Teatro onde, pela primeira vez, assisti a representações de artistas marinhenses e também de grandes actores da cena nacional que se deslocavam aqui à Marinha Grande.

Pisei este palco do Teatro Stephens, pela primeira vez, com o Colégio Afonso Lopes Vieira. Desta casa guardo memórias que não se apagaram com o tempo e que quero transmitir e partilhar neste renascimento do velho Teatro Stephens. Começou aqui o meu gosto por esta arte que iria determinar toda a minha vida.

O Teatro tem como finalidade última colocar o Homem perante o Universo. Como já tenho dito noutras ocasiões, o Teatro é a arte primeira de comunicação de ideias, de diálogo de opiniões, de debate de inteligências, de encontro de emoções e também de divertimento e prazer dos sentidos. Pelo Teatro é criado um mundo convencional que é imitação do mundo real. Porque o Teatro não é a vida; pelo contrário, é a imitação da vida; ou melhor, a recriação da vida e dum mundo que, não sendo realidade, desvenda segredos reais, busca verdades, aponta e corrige erros. Criticando vícios, o Teatro abre perspectivas novas para a criação duma realidade melhor. Tendo uma função crítica da realidade deve apontar o

caminho de soluções em função duma consciência colectiva e também transmitir os sentimentos do Homem e a beleza das coisas. A sua função crítica é, assim, uma função social.

Com o Teatro aprende-se a compreender os grandes sentimentos e os dramas da humanidade. Com ele, tomamos consciência do lugar que o homem ocupa na sociedade e no mundo. Parafraseando Almeida Garrett, o Teatro trás civilização, mas não prospera onde ela não existe. E a civilização é o estado de adiantamento e cultura social dum povo. É pela cultura que o homem adquire os instrumentos mentais que o ajudam a desenvolver as suas capacidades para pôr os seus conhecimentos ao serviço da comunidade. Sem a consciência das suas capacidades o homem não pode lutar pelo seu direito a um lugar digno na sociedade. E sem conhecimento, o homem condena-se a viver numa posição de subalternidade incompatível com a dignidade a que tem direito. A consciencialização que vem do desenvolvimento cultural do individuo é a arma que o homem tem para preparar e fazer a sua luta para a conquista dos seus direitos humanos. Sem essa base cultural, o homem fica limitado nas suas capacidades de luta.



Ilídio de Carvalho com Grupo de Teatro  
Anos 20

O acto cultural não é privilégio de alguns,

mas sim de todo o homem. A cultura é um estado natural de quem tem desenvolvimento intelectual; portanto, um estado natural do Homem. E cada vez que, pela sua inteligência e a sua arte, o Homem age sobre o meio em que vive para o melhorar, está a fazer um acto cultural. Por isso, dentre tantos artistas e tanta gente culta que conheci, quero destacar os artistas da minha terra, os operários vidreiros que com o seu saber e a sua arte criaram algumas das mais belas obras saídas da mão do homem.

Todo o homem deve poder desenvolver as suas naturais capacidades físicas e mentais, com direito à educação e a todas as formas de expressão artística. Deve, pois, ter direito de acesso a todos os meios disponíveis para poder desenvolver o seu conhecimento e a sua inteligência e agir com a consciência do mundo em que vive e da sociedade em que se insere. O acesso à cultura, sendo um direito de todos os cidadãos deveria ser incentivado e estimulado por uma política de desenvolvimento cultural e artístico com uma oferta adequada à elevação e bem-estar de todos. Infelizmente, não é assim.

Mas os homens de teatro, mesmo contra adversidades, incompreensão e ausência duma política cultural que dignifique o homem, não desistem. A consciência e o sonho não têm limites! É também por isso que hoje estou aqui, é por isso que estamos aqui nesta Casa da Cultura, no Teatro Stephens que é um Palco de Memórias por onde passou uma parte da vida da Marinha Grande. Na reinauguração deste espaço cultural dos marinhenses, vamos contar a história deste palco ligada à história da cidade.

Sendo natural da Marinha Grande, profissional de teatro há mais de 50 anos, com diversificada experiência como actor,

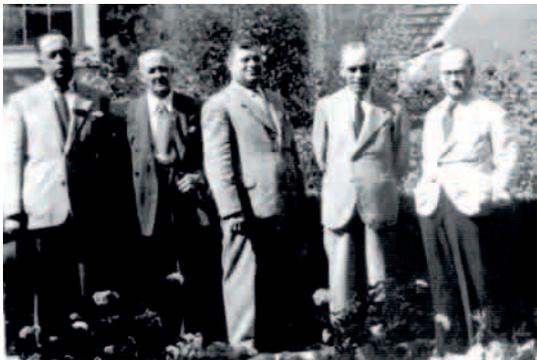
encenador, cenógrafo e director artístico de várias companhias de teatro, sinto-me legitimamente honrado pelo convite que me foi dirigido para preparar e dirigir o espectáculo de reabertura do reestruturado Teatro Stephens que foi um marco importante na cultura marinhense.

Já durante o anterior executivo camarário tive reuniões com a Senhora Vereadora da Cultura, então em exercício, sobre um projecto de espectáculo inaugural da nova sala. E, no dia 11 de Dezembro de 2013, em reunião com o Senhor Vereador da Cultura em exercício, foi-me reiterado o convite para a realização deste projecto. Então, propus apresentar um espectáculo em que participassem grupos artísticos de instituições marinhenses e também artistas locais de diferentes áreas artísticas ligadas ao palco. Para isso elaborei um guião, contando a história deste espaço de cultura, ou seja, a história do teatro na Marinha Grande, contextualizando-a com a história da cidade.



Zulmira Gomes Roldão, Maria Gomes Nobre, Júlia Galo e Conceição Galo . Anos 30

É um percurso que começa com os espectáculos apresentados pelos Irmãos Stephens, primeiro no Palácio - hoje Museu do Vidro - depois na Casa de Teatros por eles mandada construir. Passa pelas várias transformações que o teatro conheceu ao longo dos anos até à fase



Augusto "Zé da Ordem", ?, João Saboga, Joaquim Matias, José Ferreira da Silva . Anos 40

actual em que renasce, reabrindo as suas portas aos marinhenses. E lembra também autores e actores que por aqui passaram ao longo da sua existência e que com a sua dedicação e amor contribuíram para a continuidade da prática teatral na Marinha. Com este espectáculo, mostramos também o novo espaço e as suas potencialidades.

Propus que este acto tivesse a colaboração de instituições locais com actividades culturais. Assim construímos o espectáculo com actores dos Grupos de Teatro do Sport Operário Marinhense e do Sport Império Marinhense, cantores, bailarinos, músicos, agrupamentos musicais e elementos dos Tocánder e da Orquestra da Marinha Grande, cujos nomes se identificam nas Fichas Artística e Técnica. Também com a contribuição plástica do Mário Dias Garcia, autor dos figurinos e da Esmeralda de Sousa que os confeccionou. E também com o apoio de instituições, firmas comerciais e entidades que contribuíram atenciosamente para a organização do espectáculo. Obrigado ao Senhor Presidente do Município, ao senhor Vereador Vítor Pereira, à Dra. Fátima Bentes, ao José Freire, ao António Guilherme e a todos os e dos

colaboradores da Câmara Municipal da Marinha Grande que deram o seu contributo para que fosse possível pôr de pé estas Memórias no Palco da Casa da Cultura, o novo Teatro Stephens.

Este Palco de Memórias homenageia todos os que se empenharam para que aqui houvesse Teatro, envolvendo as instituições culturais com actividades performativas e artistas marinhenses das diferentes áreas artísticas ligadas ao palco, neste espectáculo inaugural da Casa da Cultura que honra a Marinha Grande e todos nós, marinhenses.

Muito obrigado a todos!  
Viva o Teatro!

Norberto Barroca  
25 de Outubro de 2014

(Este texto está escrito de acordo com o antigo acordo ortográfico por expressa vontade do autor)



Guilherme Correia com autores e actores da Revista "Cantigas e Cristais" . Anos 50



Parte do elenco e equipa técnica da peça "Palco de Memórias" . 2014

# FICHA ARTÍSTICA

## **Texto, Encenação e Direção**

Norberto Barroca

**Figurinos** Mário Dias Garcia

**Elementos cenográficos** José Freire

**Arranjos musicais** Tiago Ferreira

**Coreografia** Diogo Carvalho

**Iluminotecnia** Carlos André Santos

**Sonoplastia** Carlos Martins

**Projeção multimédia** António Guilherme

## **Poemas de:**

Afonso Lopes Vieira, Arnaldo Matos, Francisco Correia Moita, Ilídio de Carvalho, José Ferreira da Silva, José Martins Saraiva, Luiz-Manuel, Sérgio Bento

## **Músicas de:**

Francisco Correia Moita, M. Elyseu  
Johann Sebastian Bach, Amadeus Mozart

## **Intérpretes:**

### **Grupo de Teatro do Sport Operário Marinhense**

Adriana Vieira, Duarte Salvador, Ermelinda Silva, Fátima Bonifácio, Isabel Ferreira, Ivo Bento, Jorge Pina, José Luís Coelho, Luís Rosado, Nuno Nunes, Olga Franco, Rui Santos, Sandra Martinho

**E os jovens** Carolina Pina, Duarte Sá, Francisco Vieira, Mariana Reis, Pedro Teles

### **Grupo de Teatro do Sport Império Marinhense**

Beta, Cesário Ribeiro, Fernando Miguel, João Trindade, José Vieira, Pedro Fernandes, Vânia Galo

**Participação de** Norberto Barroca

**Escola de Dança Diogo Carvalho**

Gualter Santos e Rita Ramusga

## **Cantores:**

Ana Joaquim, Ana Santo, Deolinda Bernardo  
João Leiria, Silvina Pereira

## **Músicos:**

Adelino Oliveira (Contrabaixo), José Carlos (Bateria), José Pires (Viola), Ricardo Silva (Guitarra), Tiago Ferreira (Piano)

## **Participação especial:**

Maria do Rosário Font (Piano)

## **Orquestra da Marinha Grande**

**Maestros** (em rotação) Márcio Pereira, Ricardo Santos, Ricardo Rebelo, Rui Fragata

**Músicos** (em rotação) Adriana Tavares, Alexandra Santos, Alexandre Rodrigues, Ana Oliveira, Ana Tojeira, André Martins, André Pereira, André Santos, Catarina, Coutinho, Daniel Vieira, Ferreirinha, Francisco Saraiva,

India, Inês Aleixo, Inês Branco, Inês Ferreira, Inês Guerreiro, Inês Santos, João, João Amaral, João Fortes, João Lopes, João Santos, Lara, Maria Beatriz, Maria Margarida, Mariana Cardeira, Mário Pereira, Miguel Ferreira, Miguel Mendes, Nuno Ribeiro, Rafael, Sara Martins, Sérgio Martinho, Vasco, Zé Pedro, Zuca

## **Tocáandar**

**Direção** Paulo Tojeira

Bruno Pedro, Diogo Ferreira, Fábio Gomes, João Vila Verde

## **Equipa técnica:**

### **Direção e produção executiva**

Maria de Fátima Bentes

### **Diretor de Cena**

José Freire

## **Guarda Roupa**

. Esmeralda de Sousa

. Guarda Roupa da Câmara Municipal de Marinha Grande e do Sport Operário Marinhense com figurinos de Mário Dias Garcia e execução de Joaquina Garcia

. Guarda Roupa Maria Gonzaga (Lisboa)

**Postiços** Manobras d'Arte (Lisboa)

**Técnico de Som** António Ribeiro

**Operador de Luz** Carlos André Santos

**Operador de Som** Carlos Martins

**Assistentes de Palco** Albino Costa Carvalho, Luciano Correia, Mário Gréu, Natalino Monteiro

**Assistentes de Camarins** Alida Lopes Jorge,

Ana Jorge, Antero Faria, Ascenção Marques

**Protocolo** Ana Cristina Simões

**Frentes de Casa** Eleonora Nunes e Rita Pedro

**Assistentes de Sala** Carla Simão, Dina Morgado,

Miguel Afonso, Rui Germano, Sandra Neto,

Susana Marques

**Receção do Museu/Casa da Cultura** Helena

Viegas, Tânia Rosa



Câmara Municipal da Marinha Grande  
[www.cm-mgrande.pt](http://www.cm-mgrande.pt)